P.E7

Março / 2021

PANORAMA ECONOMICO – Março/2021

Mês marcado pela decisão do Banco Central do Brasil em elevar a taxa básica de juros em 0,75bps, levando a Selic ao patamar de 2,75%, utilizando da política monetária como instrumento para conter o avanço inflacionário.

O processo inflacionário no Brasil demonstra constante evolução desde meados de 2020, fruto do estímulo monetário realizado para combater a pandemia do novo coronavírus, aliado a taxa básica de juros do país na mínima histórica.

Logo, as medidas monetárias e fiscais de caráter expansionistas realizadas em 2020, respingaram em 2021, onde puderam finalmente ser sentidas e registradas pelo IPCA, índice usado como inflação oficial, que já vinha sido antecipadas pelo IGP-M.

Como resposta direta para a ascensão da curva de inflação, que vem superando o centro da meta para o ano, a medida monetária mais conservadora era de extrema importância para evitar a perda de ancoragem em relação as expectativas de inflação para os próximos períodos e a manter a credibilidade do Bando Central.

Durante o mês, no Brasil, tivemos altos e baixos no mercado nacional, por um lado, temos o ponto chave para a retomada econômica, em ascensão, finalmente o Brasil começa a promover uma agenda de vacinação mais eficiente, seja com a importação de vacinas e agora com a possibilidade de produção nacional, com a ButantaVac.

Pelo lado negativo, temos ainda a volatilidade causada na renda fixa nacional, com o prêmio de risco não atendendo a demanda, seguindo uma tendencia equiparável as treasures norte-americanas, e sofrendo de maneira indireta por turbulências em outros países emergentes, como Mexico e Turquia.

Além da dinâmica do endividamento governamental que segue gerando desconfiança, aliado ao momento sanitário nacional, na contramão do restante do mundo, com a curva de casos de Covid19 no seu auge.

Os investidores observaram com alguma desconfiança a aprovação no Congresso da Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2021.

No conjunto geral, o novo programa de transferência de renda, causado principalmente pelas novas medidas de "lockdowns" no país, impedem que o Brasil aproveite as oportunidades advindas do exterior.

INTERNACIONAL

ESTADOS UNIDOS

As preocupações com os rendimentos dos títulos americanos, um dos focos do mês passado, se estabilizaram, deixando o mercado menos volátil, os índices acionários americanos fecharam o mês, acumulando ganhos.

A grande volatilidade dos mercados está relacionada com a alta nos rendimentos dos títulos de 10 anos do Tesouro americano, os Treasuries. As taxas chegaram a atingir 1,6% ao ano.

A alta das Treasuries, é um reflexo das expectativas dos investidores de que a inflação se desequilibre e se torne uma ameaça direta para a economia americana, ao ponto em que a atividade se recupera com o avanço das campanhas de imunização e do novo pacote de estímulos fiscais.

Porém, o FED diz que a volatilidade nas taxas de juros dos treasuries, é questão de transição, e que têm mecanismos para controlar a inflação. A preocupação então, fica por conta da taxa de desemprego por lá, que gira em torno de 9,5%.

Nos Estados Unidos, a economia parece estar solida, com o pacote fiscal aprovado de aproximadamente 2 trilhões de dólares e o quadro de imunização bem elaborada como as principais medidas.

O presidente Joe Biden declarou que o pacote deve por fim a pandemia e recuperar a economia norte americana, gerando demanda doméstica e crescimento global sustentável. Mas eleva as discussões sobre a inflação por lá, com uma política monetária tão expansiva, a concepção é de uma pressão inflacionaria no curto prazo, porém que pode não perdurar por muito tempo.

As tensões com a China voltaram ao foco, por parte dos americanos, foram aplicadas sansões contra as autoridades de Hong Kong, pelo lado chinês, a compra de petróleo em maior escala, foi direcionada ao Irã e Venezuela, como forma de afronto aos americanos.

A procura por risco se concretizou ao final do mês, com o processo de vacinação acelerado por lá, as expectativas das medidas expansionistas indicadas por Biden e a agenda global enfraquecida, diminuindo a volatilidade e promovendo as compras.

ÁSIA

Na Ásia, o foco continuou sendo os Estados Unidos e as treasuries norte americanas. Houve também, no início do mês, discussões sobre o PIB chinês, uma vez que as projeções indicaram um crescimento abaixo do esperado por lá.

As ações de tecnologia do Japão e da China, apresentaram muita volatilidade, principalmente o índice ChiNext de startups. Em Pequim, foi falado sobre o aumento gastos com pesquisa e desenvolvimento em mais de 7% a.a em relação ao PIB, para os próximos cinco anos.

A agenda sem movimentação durante o mês, levou os olhares para o exterior, onde os assuntos mais pertinentes são em relação ao avanço da pandemia no mundo e os temores para com as decisões dos bancos centrais.

EUROPA

Na Europa, já se sente a necessidade de novos estímulos para superar a crise, enquanto alguns países comemoram resultados econômicos positivos, outros declaram novamente o "lockdown", como é o caso da Alemanha, que declarou a medida até 28 de março.

Porém a situação agora pode ser diferente, com o processo de imunização em andamento, a medida restritiva pode ser tornar mais eficiente, as vacinas já demonstraram a sua eficácia e agora resta aguardar o momento em que a grande massa esteja vacinada.

Em meio a isso, o ambiente parece se manter favorável, na medida do possivel, com o Banco Central Europeu anunciando a continuação do programa de compra de ativos e a taxa de juros inalterada, aliado a velocidade na vacinação no continente, os bons resultados das vacinas começam a ter impactos positivos por lá, gerando otimismo e um horizonte mais claro em relação a retomada econômica.

Na Inglaterra, as medidas de restrição vão sendo retirada de acordo com o estipulado, as escolas já estão abertas e a proposta do primeiro-ministro do Reino Unido Boris Johnson é de que a abertura total ocorra até o final de junho.

No Reino Unido, a preocupação com a vacinação mais lenta também é realidade e afeta os mercados por lá, mesmo com o processo de abertura já iniciado.

Ao final do mês, tivemos uma semana de bastante contraste, os investidores mantiveram as atenções para o novo avanço de casos de coronavírus e também na decisão da chanceler alemã Angela Merkel, que recuou referente aos bloqueios para o feriado de Páscoa.

Merkel tinha solicitado aos cidadãos para que permanecessem em casa ao longo do feriado de Páscoa e prorrogado as medidas ainda mais restritivas até 18 de abril, que agora foram revisadas para 12 de abril.

Por outro lado, ainda na zona do euro, o investidor ficou atento aos demais mercados e embalados pelas ações das montadoras, conseguiram registrar alta.

MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÀVEL

No mercado internacional de renda fixa, a volatilidade nos preços manteve-se alta mesmo com o FED prometendo manter o juro próximo de zero, e anunciar que assim deverá permanecer por um tempo suficientemente prolongado enquanto a economia doméstica não se consolidar no terreno do crescimento.

O que preocupa é a aceleração da inflação, sendo refletida na alta das Treasuries, em resposta as expectativas dos investidores de que a inflação se desequilibre e se torne uma ameaça direta para a economia americana.

No mês de março, o Dow Jones subiu 6,6% e ganhou 7,8% no trimestre. O S&P 500 subiu 4,2% em março e 5,8% no trimestre. O Nasdaq subiu 0,4% no mês e avançou 2,8% no trimestre.

O petróleo referência Brent ficou em alta de 0,33% a US$62,95 o barril negociado na bolsa Mercantil de Futuros de Londres. O petróleo WTI ficou em queda de 1,85% aos US$59,43 o barril na bolsa Mercantil de Futuros, Nova York. O preço do minério de ferro negociado no Porto de Qingdao ficou em queda de 0,86% a US$165,15 a tonelada seca.

No último pregão do mês, o índice Hang Seng, bolsa de Hong Kong, fechou em queda de 0,70% aos 29.178 pontos. O índice Xangai, China, ficou em queda de 0,43% aos 3.441 pontos. O índice Nikkei 225, bolsa de Tóquio, ficou em alta de 0,86% aos 29.178 pontos, o índice Stoxx Europe 600 fechou em queda de 0,24% aos 429.60 pontos em Londres; o FTSE-100 (Londres) ficou em queda de 0,86% aos 6.713 pontos; o DAX 30 (Frankfurt) ficou estável aos 15.008 pontos

NACIONAL

ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

A previsão do mercado financeiro para o crescimento da economia brasileira este ano caiu de 3,22% para 3,18% em 2021. Para 2022, 2023 e 2024 a estimativa permaneceu em 3,25%, a estimativa está no último boletim Focus do mês.

Durante o mês de fevereiro deste ano foram criadas 401.639 novas vagas de emprego com carteira assinada no país. O resultado, é o melhor desempenho para o mês em 30 anos. Os dados são do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados no dia (30) pelo Ministério da Economia.

O número de empregos com carteira assinada é resultado entre 1.694.604 contratações e 1.292.965 demissões em fevereiro.

A taxa desemprego no Brasil fechou em 14,2% no trimestre (novembro a janeiro), a maior para um fechamento de trimestre desde 2012, quando se iniciou a série histórica. Isso significa que 14,3 milhões de cidadãos estão à espera de um emprego no país.

SETOR PUBLICO

Balança comercial registrou superávit de US$ 1,482 bilhão em março, o valor é 63% inferior ao de março do ano passado, pelo critério da média diária, e representa o pior saldo para o mês desde 2015.

De acordo com o último relatório focus, publicado pelo Banco Central ao final de março, em relação a taxa Selic, os analistas mantiveram as expectativas para a taxa em 5,00% em 2021, mantiveram os 6,00% em 2022. Para o ano seguinte, saiu de 6% para 6,50% e saiu de 6% para 6,38% em 2024.

INFLAÇÃO

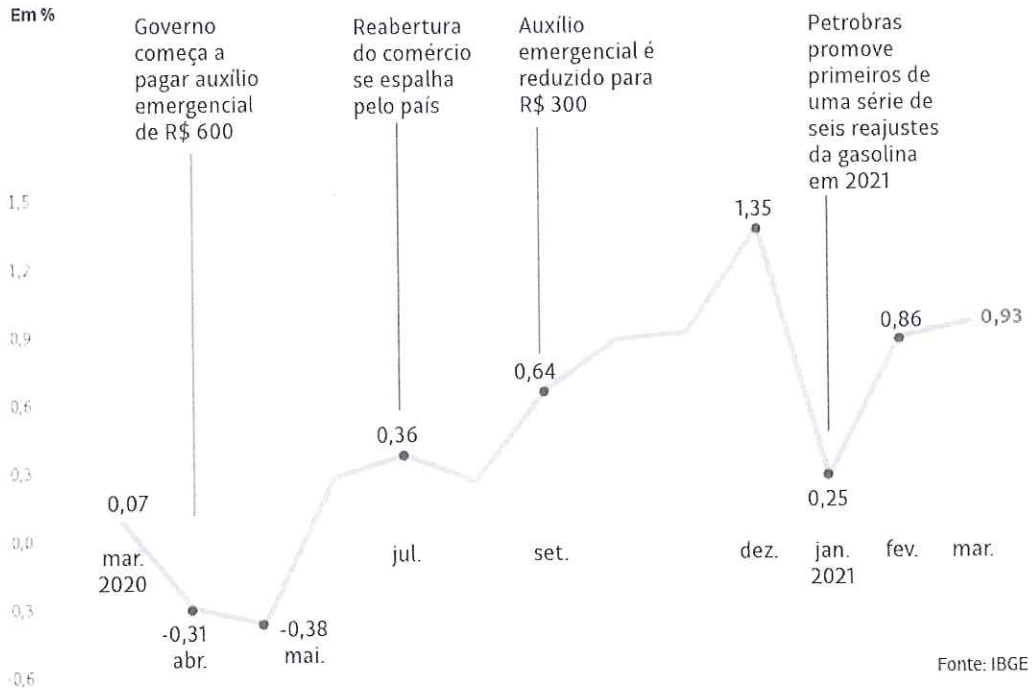
O IPCA subiu 0,93% em março e bateu 6,10 em 12 meses, ultrapassando o teto da meta estipulado para 2021. A meta para esse ano é de 3,75% e teto de 5,25%.

Segundo a projeção do Banco Central, a expectativa é de queda para os próximos resultados mensais, para 0,42% em abril e 0,29% em maio.

No entanto, em 12 meses, a expectativa é de que o índice continuará a subir e alcançar aproximadamente 7% e na sequência recuar ao final do ano para fechar 2021 em 4,81%.

A inflação da Covid-19

Evolução mensal da inflação desde a decretação de pandemia pela OMS



CÂMBIO E SETOR EXTERNO

No mês, o Dólar comercial obteve avanço de 0,41%, no ano, a alta é de 8,49%, devido principalmente aos investidores estarem monitorando o clima político, a disseminação da Covid-19 no país e a situação do quadro fiscal.

No último relatório Focus do mês, A taxa de câmbio saiu de R$5,30 para R$5,33 para 2021. Para 2022, a taxa subiu de R$5,25 para R$5,26. Para 2023 e 2024, a projeção ficou em R$5,00.

Após encerrar fevereiro com entradas líquidas de US$ 4,358 bilhões, o Brasil registrou fluxo cambial negativo de US$ 1,481 bilhão até o dia 26/03, de acordo com o Banco Central.

O canal financeiro apresentou saídas líquidas de US$ 5,089 bilhões no período. Isso é resultado de aportes no valor de US$ 49,554 bilhões e de retiradas no total de US$ 54,642 bilhões.

No comércio exterior, o saldo de março até o dia 26 é positivo em US$ 3,608 bilhões, com importações de US$ 13,707 bilhões e exportações de US$ 17,315 bilhões. Nas exportações, estão incluídos US$ 2,990 bilhões em ACC, US$ 3,108 bilhões em PA e US$ 11,217 bilhões em outras entradas.

BOLETIM RENDA FIXA ANBIMA

De acordo com o Boletim de renda fixa Anbima, publicado na primeira semana de abril – O ambiente de maior incerteza impacta todos os vencimentos de longo prazo do IMA, os títulos de longo prazo que compõem o IMA, índice da ANBIMA que reflete a carteira dos títulos públicos em mercado, foram os que registraram a maior perda no mês, com resultado negativo em todas as maturidades que compõem as carteiras de maior duration – .

O IRFM 1+, carteira com NTN-Fs e LTNs de mais de um ano de vencimento, desvalorizou 1,45% no período, acumulando perda de 4,77% em 2021. Em seguida, o IMA B5+, refletindo as NTN-Bs com mais de cinco anos de vencimento, recuou 1,17%, intensificando sua perda no ano para 5,10%. O agravamento da pandemia de Covid-19 e suas consequências na atividade econômica e nas contas públicas, sobretudo em um contexto de aumento da inflação, fizeram piorar as expectativas de longo prazo dos investidores, o que se refletiu na abertura das taxas de NTN-B.

Com relação ao IRF-M 1, subíndice representante dos títulos pré-fixados de até um ano de vencimento, houve variação de 0,04% e 0,13%, mês e ano, respectivamente. O IMA B5, formado por títulos indexados ao Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de até cinco anos de vencimento, apresentou 0,34% de rentabilidade mensal e perda de 0,15% no ano.

PERSPECTIVAS

As perspectivas se mantem proporcionalmente as mesmas do mês anterior, os temas seguem relativamente os mesmos, agora com o foco nos efeitos nas decisões tomadas e nas sinalizações por parte do Banco Central e a discussão sobre a magnitude dos próximos movimentos em relação a Selic.

As expectativas positivas em relação ao Brasil, passam por um processo de imunização mais eficiente, e ao que parece, podemos estar próximos dessa aceleração.

Teremos agora que acompanhar as decisões do Bancos Centrais em relação a política monetária, que indica seguir com medidas contracionistas, tendo em vista o plano de vacinação em prática, a aceleração da inflação e os estímulos que seguem sendo despejados na economia.

Podendo se esperar mais mudanças na taxa de juros no futuro próximo, como já é adiantado no relatório semanal do Banco central.

Devemos observar também, o desenrolar da PEC emergencial, que já em vigência aumenta o poder de compra dos consumidores e pode impactar a inflação de curto prazo.

A partir disso, teremos que avaliar o andamento de reformas e em qual intensidade será elaborada, agora com a Câmara e Senado definido.

Devemos observar também o processo de imunização da população brasileira com novas vacinas podendo entrar no plano inicial e agora com possível produção nacional com a ButantanVac.

A preocupação com o quadro fiscal, o grave endividamento e teto de gastos, restando apenas esperar que o acordado seja respeitado, caso o desajuste fiscal aconteça, além de gerar desconfiança dos investidores estrangeiros, geraria um aumento inesperado e brusco na taxa de juros, por esse motivo, e do risco Brasil, fato que seria prejudicial para a o momento atual da economia.

Situação que o Brasil vem tentando evitar ao longo dos últimos anos, reconquistar os investidores estrangeiros, a partir de um quadro fiscal mais bem elaborado, uma agenda de reformas estruturais, que ocasionalmente levaria o Brasil a um controle maior sobre as receitas e gastos governamentais.

Segue no radar, o aumento dos índices de preço da economia, uma inflação acelerada e que tem impactos significativos já no curto prazo, podendo já ser vista no IPCA. Agora com a sinalização do Relatório Focus indicando uma aceleração do índice para os próximos períodos.

Apesar de todas as oscilações de mercado, as expectativas seguem sendo o plano de vacinação contra a Covid-19 e toda a pauta de reforma que segue sem definição pelo governo.

Os dados indicam uma pressão no curto prazo nos preços ao consumidor amplo e isto pode levar o Banco Central a intensificar as discussões sobre o ritmo das reformas.

O mais recomendado para o atual momento é a cautela ao assumir posições mais arriscadas no curto prazo, a volatilidade nos mercados deve se manter sem ainda a desenhar um horizonte claro, em razão principalmente pelo nosso cenário político.

Mantemos nossa recomendação de adotar cautela nos investimentos e acompanhamento diário dos mercados e estratégias. Mantemos a sugestão para que os recursos necessários para fazer frente às despesas correntes sejam resgatados dos investimentos menos voláteis (CDI, IRF-M1, IDkA IPCA 2A). Para o IMA-B que é formado por títulos públicos indexados à inflação medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), que são as NTN-Bs (Notas do Tesouro Nacional – Série B ou Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais), não estamos recomendando o aporte no segmento, com a estratégia de alocação em 5%, sendo indicado para os RPPS que possuem porcentagem igual ou maior, aos que possuírem porcentagem inferior a 5%, recomendamos a não movimentação no segmento. Para aqueles que enxergam uma oportunidade de investir recursos a preços mais baratos, municie-se das informações necessárias para subsidiar a tomada da decisão.

Estratégia de Alocação dos Recursos no Longo Prazo – Renda Fixa e Variável	
Renda Fixa	**60%**
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	5%
Gestão do Duration	30%
Médio Prazo (IRF-M Total, IMA-B 5 e IDKA 2)	20%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)	5%
Renda Variável	**30%**
Fundos de Ações	20%
Multimercados	5%
Fundos de Participações *	2,5%
Fundos Imobiliários *	2,5%
Investimento no Exterior	**10%**
Fundos de Investimentos no Exterior (Hedge)	5%
Fundos de Investimentos no Exterior	5%

* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.